

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Das ladainhas da Capoeira às encantarias do Maranhão

História de [José Geraldo Santos Souza](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 30/10/2019

PCSH_HV752_José Geraldo

ENTREVISTA DE JOSÉ GERALDO DOS SANTOS SOUZA
ENTREVISTADO POR JONAS SAMAÚMA E ANE ALVES
SÃO PAULO, 3 DE MAIO DE 2019
PROJETO AFINADORES DE OUVIDO DENTRO DO PROGRAMA CONTE SUA HISTÓRIA
ENTREVISTA PCSH_HV752
TRANSCRITORA SELMA PAIVA

P/1 – Gratidão, viu, Geraldo?

R – Vamos!

P/1 – Então, meu amigo, eu ia pedir, se possível, ia perguntar se você abria esse portal mágico da sua história de vida trazendo um canto.

R – Um canto?

P/1 – Um canto. Pode ser de capoeira, mesmo.

R – Eu vou falar um canto de boi, que lembra a primeira fase da minha vida:

“Eu vou reunir meu batalhão

com a ajuda de Deus, nosso senhor, São João

Vou cantar toada pro povo aprender

com as forças dos índios guerreiros eu vou guarnecer”.

É isso aí.

P/1 – E você podia, já, começar, como a gente está fazendo um programa de contador de história, pra você contar um causo, uma historinha?

R – Sim. Uma das histórias que mais marcaram é uma encantaria que aconteceu comigo. Eu namorei uma pessoa e essa pessoa era do Maranhão e ela me falou: “Eu deixei a minha vó, deixei o meu interior”. Ela morava lá no Maranhão, em um lugar chamado Maruim. E ela tinha uma encantaria, que ela via sempre uma moça de branco, isso ela tinha nove anos. Sempre uma moça de branco e ela ficava com medo e a moça de branco a chamando e, depois de um tempo, ela parou esse medo e seguiu a moça e caiu na praia. A moça mergulhou e ela mergulhou atrás. E, quando ela mergulhou, que ela voltou, era uma caverna e ela mergulhou nessa caverna, voltou a ver a caverna e, nessa caverna, tinha um cicerone, uma cadeira e uma festa pra ela. E o cicerone dizendo o que ela tinha que fazer, o que ela não tinha, o que era aquilo e certas coisas ela não poderia falar pra mim. E isso, depois dessa história, a gente teve um relacionamento e esse cicerone dizendo que a prova que ela teria que ela esteve nesse lugar eram três pedras e, se alguém visse essas pedras, elas virariam carvão. E se, de fato, acontecesse isso, ela tinha que falar com a vó dela, que a avó dela saberia. E ela, quando acordou de novo, ela estava na praia e ela tinha sumido uns três, quatro dias. E o povo procurando desesperado e ela acordou. E ela viu a mão, tinha as três pedras. E ela teve o cuidado de guardar, mas depois de um tempo acharam essas pedras e ela começou a ter um filho de cada pessoa, começou a ficar errante e não querendo falar com a avó. Filho e deixava com a avó, filho e deixava com a avó e foi embora para o Rio de Janeiro e me encontrou. E a gente teve um relacionamento e eu vim me embora pra cá, pra São Paulo.

P/1 – Então, rapidão, eu queria perguntar assim: onde você nasceu e se você pudesse contar o que você lembra do seu nascimento, mesmo. Fala seu nome completo, só.

R – José Geraldo dos Santos Souza, Rio de Janeiro, 55, dez de novembro de 55.

P/1 – E como foi a história?

R – A história é assim eu fui gerado no Maranhão, um pai e uma mãe indo trabalhar no Rio de Janeiro, na casa das pessoas que os meus ancestrais foram escravos deles e meu vô foi no regime patronal deles, meio que meeiro, né? Você usa a terra e planta e paga pra poder fazer farinha na Casa Grande, né? Então, era um sistema meio assim. Você praticamente pagava pra poder estar vivendo dentro da terra, né?

P/1 – Aí era seu vô que estava...

R – Meu vô que era e minha vô, que era uma índia, última índia dessa tribo, que era um lugar chamado Tajipurú, que deve ser dessas aldeias Tajipurús, que minha vô deve ter sido. Eu não fui procurar. Um dos resgates que eu quero fazer, indo lá no Maranhão, pra saber disso. Isso aí já está acertado, que eu vou ver essas coisas da minha vô e de lá, né? E eu vejo que é o sistema patronal, porque lá tem um pé de tamarindo que o tamarindo não é daqui do Brasil, né? Ele é da Índia. Então, foi uma época que o Estado queria novas plantações aqui, pra cá, para o Brasil e traziam mudas de outros países, pra poder implantar aqui. É o sistema patronal, né? E tem esse que, provavelmente, o meu bisavô plantou, alguém, que minha irmã já foi nesse pé de tamarindo e eu queria chegar lá um dia, pra saber um pouco dessa história. Foi, inclusive, nesse pé de tamarindo que as caixeiças passavam na casa da minha avó. Essa é a primeira fase da minha vida. Que é a época do Maranhão e do Rio de Janeiro, a volta, quando eu nasci no Rio, eu voltei para o Maranhão, porque a família não gostava, que eu chorava muito, era uma criança de um ano, eles não queriam uma criança que chorasse, aí tive que voltar e fiquei morando no interior do Maranhão, em um lugar chamado Guarapiranga.

P/1 – Mas os seus pais voltaram com você?

R – Não, só minha mãe. Meu pai é uma coisa à parte. Ele é índio com polonês. E é uma pessoa que eles não quiseram muito que eu visse, eu só soube notícias e até hoje eu não sei quem é. E a história da encantaria que você me pediu, né, qual é essa história, que eu contasse uma história, né? Então, isso tudo está ligado com o inconsciente, né? Com a encantaria. Todo esse ambiente da minha vô é o ambiente da encantaria do trabalho comunitário, né, junto. Essa primeira fase da minha vida é isso. E eu fui encontrar com essa menina um resquício dessa parte, né, que é essa história que você pediu pra eu contar, né? Que depois de muito tempo de eu vir pra cá nessa terceira fase minha, que é aqui em São Paulo, eu soube que ela tinha morrido e tinha tido uma filha, que tem o mesmo nome do meu filho mais velho. Então, por consequência, eu acho que ela é minha filha. E está perdida no Rio de Janeiro. Porque a mãe morreu e deu essa criança. E a que tinha contato, que era um parente do Maranhão, também morreu e então eu não fiquei com contato com ninguém. Então, essas perdas que tem a nossa sociedade e essas encantarias mal direcionadas, por conta das próprias consequências que a gente vive, de famílias desestruturadas, a gente não consegue dar valor pras nossas coisas, os nossos sentimentos, os nossos antepassados. É muito difícil isso, né? Vindo pra cá você viu isso, né? Como as forças que geram os nossos espíritos pessoais, que a gente expande essa energia que está em volta de nós, né?

P/1 – Eu queria saber o que você lembra do seu crescimento ali no Maranhão, quando você voltou, da sua vô, o que te marca desse período?

R – Desse período da minha vô eu aprendi coisas essenciais, hoje em dia, para permacultura. Que eles criavam abelhas indígenas e eu não sabia que aquilo eram abelhas sem ferrões, na época e que eram abelhas brasileiras, do Brasil e que, quando eu fui para o Rio, eu vi outra abelha e falei: “Como? Lá a abelha era pertinho da sala e meu tio tirava o mel na sala, todo mundo, era uma festa naquele dia que tirasse o mel, uma vez por ano e aquilo, as crianças se reuniam, uma coisa maravilhosa. E aquilo tudo eu precisava de voltar aquilo, quando eu cresci, várias formas de tintura de roupa, sabão que fazia, canoa que fazia e aquilo foi me forjando. Pescar, construir casas, plantar e colher. A coisa do peixe, uma lagoa perene, muda os filhotes pra outra lagoa e vai, na época da cheia, tem o sangradouro que passa os peixes, você fica esperando determinado horário pra você ir pescar conforme a lua. Essas coisas foram todas se perdendo e eu sentia falta disso. E agora que o povo está descobrindo isso. Essas simbologias que a vida nos fornece, que a gente tem que saber ir viajar na hora que a maré enche e chegar na hora que ela está enchendo. Sair na hora que ela está descendo e entrar na hora que ela está enchendo. São os ciclos da vida. O povo está se perdendo, não olha mais nem pra lua. É complexo isso.

P/1 – Você lembra de alguma história sua com a lua? Aproveitar que você falou dela.

R – Tem. Duas histórias, assim: uma do meu vô, que todos iam lá pra casa do meu vô pra escutar, na noite de lua, histórias. Todo mundo da comunidade reunia e aí contava-se as histórias no areial branco, maravilhoso, cheio de pé de caju, né? É um lugar com lagoas, com várias frutas, murici... aprendi muito. E a coisa, mesmo, de colheita... não é colheita, porque não se plantava, quase, né? Se plantava assim: melancia, abóbora, mandioca, que fazia farinha, o principal era mandioca. Fazia carvão, mas se colhesse, pegava breu, algumas frutas pra fazer suco, juçara, então era complexo, muito complexo. Era uma outra vida que eu não sei, pode ser que tenha gente que viva ainda essa vida lá, mas eu vivi isso, né? Graças a Deus, pra eu trazer pra cá pra cidade alguns desses... e a lua, essa questão do ciclo e a lua na hora de pescar, porque muda a maré e aí, na pescaria, tem essa encantaria de você estar embarcado, geralmente as viagens com noite de lua com muita estrela, você não pode apontar estrela. Essas coisas todas místicas, né, que envolvem, né, o céu, né? Isso tem mesmo, porque a gente sente a maré enchendo, a maré vazando, o vento, tem o assoviador, que é uma personagem, tem a lara, né, que ria, um poço e isso é uma ligação muito forte, a questão da água. (risos) O meu vô fez uma outra história.

P/1 – Eu ia perguntar da água. Fala aí.

R – O meu vô fez uma... os minas têm uma coisa com a água. Porque, na África, era muito difícil ter um poço bom de água. Então, eles tinham que andar muito. Então, eles faziam ritual pra ir pegar essa água e, quando eles vieram pra cá, eles fizeram esse ritual também. Só que aqui tinha água bastante. E eles iam nos lugares e iam próximo a Tajipurú, que é a terra da minha vô, pra pegar. Eles iam lá de São Luís, até Tajipurú, andando, tipo uma romaria, pra pegar água pro (PG?), pro ritual do jeje. E essa magia em torno de você saber que são forças telúricas onde nasce a água. Eles já sabiam disso. E meu vô sabia que aquela lagoa ali, aquele poço não é um poço, eles chamam de cacimba, alguns, mas é um olho d'água, umas pedras em volta e você vai lá pra tomar banho, pra lavar roupa e ele sempre diz que a Iara ficava lá. E sempre escuta os barulhos dela à noite, ela batendo uma ponga na água e falava: “Não pode ir meio dia nesse poço”. Aí, o pessoal que vinha da cidade pra visitar a gente: “Não pode ir nesse poço”. Meu vô: “Não vai meio dia, não” “Fica mentindo aí” e foi, um cara foi e ficou louco, saiu gritando de lá, nesse lugar, que é essa telúrica. E essa é uma história que aconteceu mesmo lá com o pessoal, sobre a água, né?

P/1 – Muito interessante! Eu queria voltar, assim, pra essa coisa que você falou que nas noites de lua iam as pessoas, lá, ouvir seu avô. Que tipo de história era contada?

R – Ah, histórias várias. De rir, histórias e de encantaria. Pé de pato, pessoas com parte animal, parte gente, um touro, onde tinha pote de dinheiro. Se você conseguisse resistir ao seu medo, né, você conseguiria pegar o pote, enfrentar aquela pessoa e se você recuasse, você fica doente, como foi que aconteceu com meu tio, né, quando ele encontrou o touro. E ali estaria o pote. Ele não teve coragem suficiente pra enfrentar isso, recuou. E voltou, ficou doente. E outras histórias.

P/1 – Com pote de ouro?

R - É.

P/1 - Como assim?

R - É que o touro indica onde que está o pote.

P/1 - O touro? Que touro?

R - É. Porque ele é proteção. O touro preto. Ele é a proteção do pote. Ele é o guardião. Então tem várias. Tem a cobra gigante.

P/1 - Nossa, me conta uma vez por vez. Como é que é essa do touro?

R - É isso, cara: ele aparece em um lugar onde... eu vou te explicar como ele viu esse lugar. Esse lugar é de mangue, uma baía de mangue. Esse mangue é gigante, né? E vários animais. Tem onça, tem macaco guariba, tem veado galheiro, que é o grande. Tem o catingueiro, tem a onça, tem a sucuriju, que eles chamam, grandona, que é a sucuriju. E pessoas que aparecem, pessoas em forma de bicho, né? No pé. Outros de bicho meio porco. E as histórias são calcadas em cima disso, o espelho do bicho em determinado ciclo do ano e da lua, o cara se espelhar no espelho do animal e ele vira o animal, com a força, em noite de lua, por isso que tem essa coisa de lobisomem, né? E essas pessoas que fazem reza, né? Nesse sentido, tem essas pessoas. Isso tinha muito com os capoeiras, né?

P/1 - O que você lembra, o seu primeiro contato com a capoeira?

R - Essa foi na minha segunda fase da minha vida. (risos)

P/1 - Ah, não, então vamos ficar na primeira fase.

P/1 - O fogo.

R - O fogo era muito louco. Não sei falar isso. Meu vô fazia carvão uma época também. Ele era um vendedor, fazia barcos. Ele é um (gajo?). Meu tio Calixto, um negro aço. Eles faziam barcos, embarcações de 15 metros, 20 metros e iam até o Pará, ali onde tem a saída do Piauí, que desagua no mar. Tem uma parte ali, aquele rio que vem do Piauí, esqueci, que é o maior delta, vem desaguar no maior delta. Eles atravessam esse delta. (risos) E todo lugar tem mandinga, eles têm que jogar uma garrafa de pinga pra atravessar o delta. Você falou o quê?

P/1 - De que você lembrava do fogo?

R - Ah, o fogo é assim: ele fazia carvão e a fogueira na hora da noite de lua. Fazia uma fogueira e o fogo era constante porque minha vó cozinhava naquele caldeirão, né, de bruxa, com três pedras e quebradeira de coco babaçu também, pra equilibrar. Você trocava uma lata por um quarto de açúcar, né e o fogo era os babaçus, né, o casco do babaçu. (risos) E era legal porque a gente pegava os gongos pra comer, né? Espetava na pindoba os gongos. Tipo índio, é costume indígena. Incrível, né? Os negros tendo um comportamento indígena. É muito louco. Isso só no Maranhão que tem. Até mesmo um branco também tem comportamento indígena. A gente, cada um, tinha sua cuia de tomar banho. A cuia de comer. Fazia o bordado na cuia, meu vô e era toda uma ciência pra fazer, depois que eu fiquei vendo que, pra não dar bicho, eles colocam o vapor da urina, pra queimar. Pra não ter bicho na cujuba, né? E o fogo está presente, direto. Eu vejo o fogo presente direto. Na comida. A coisa mais gostosa é quando chegava uma caça pra poder pelar, fogo pra pelar e pra comer, todo mundo. Aquilo era uma festa, né e distribuía para os vizinhos quando era abundância, né? E o fogo, né? (risos)

P/1 - O que te deixava mais feliz quando criança?

R - Ah, velho, porque eu queria fazer as coisas que os adultos faziam sair pra caçar, sair pra pescar. E eu tinha que ter idade pra isso, né? Eu tinha que me preparar no astral pra isso, né? Eu tinha que me preparar pra chegada dessa idade, né? Pra poder ir com meu tio e infelizmente eu não tive essa idade pra acompanhá-lo. Eles morreram antes. Eu tive que fazer essa passagem, eu sozinho, mesmo. Fogo.

P/1 - E de escola, assim? Você ia na escola? Você chegou a ir na escola, lá?

R - Então, no Maranhão eu fui tipo no jardim de infância. Inclusive eu vi uma foto ali que eu pensei que era uma foto minha, que eu tenho uma foto igualzinha aquilo, de 54. Eu nasci em 55, 56, 57, 59. Essa foto que eu tenho é de 59, no jardim de infância. Tinha seis anos. É igualzinho aquelas crianças ali. E eu, morando no interior, fui pra cidade de São Luís. Meu, já pensou um índio, um cara que viajou de navio pra chegar no Maranhão com um ano e se lembrava do (loide?), do cheiro do mar, do navio... aquilo no seu inconsciente e depois ir para o interior, um lugar que não tinha luz, não tinha tecnologia. Animais, lagoas, intempérie, uma casa de palha, índios, histórias antigas e ir pra cidade de São Luís. Foi tipo um bicho dentro da cidade. Eu fugi da escola e peguei um bonde e caí do bonde e o carro puuuuuuuuuuuu. (risos) Essa foi uma das primeiras peripécias minhas e aquilo me pegaram e foram me levar na casa e apanhei do pessoal que não era minha mãe, era o pessoal que me criava, que criava a minha mãe. Porque eu queria liberdade e esse pessoal me reprimia. Não eram que nem meus avós, né? Era o pessoal de outra família, não me compreendia e me reprimia, mesmo.

P/1 - Eram o quê?

R - Os que eram parentes desse pessoal que a gente foi escravo, que os meus ancestrais foram escravos.

P/1 - Nossa!

R - E eles criaram eu também, junto com a minha mãe, né?

P/1 - Sua mãe foi tipo trabalhar na casa?

R - Na casa. Minha tia também e a minha tia teve uma filha, que hoje em dia está na Itália, que é filha de um deles. E ele nunca disse que ela era filha dele. Então, a gente vivia nesse clima, nessa família, eu também fui abusado, mas o que eu levei dessa família foram várias coisas que eu aprendi. Conheci murano, baixela de prata, viajei com eles, viajei de avião, a Pan Air do Brasil. Essa é a segunda fase minha, né? Então eu só tenho, apesar de todo mal que eles me fizeram, eu só procuro ver o bem, né? É difícil isso, mas tem que ser contado, falado, mesmo. Pra melhorar a situação de todo mundo. Que eu não criei mágoa. Eu refleti, fiquei calado muitos anos, pra poder estar falando, né? Eu os compreendo, os problemas que eles têm e os problemas que a gente tem também, né?

P/1 - Mas você quer contar mais sobre isso?

R - É uma coisa que, pra mim, eu sei o porquê de eu ter ficado calado, de ter ficado revoltado. Isso refletiu na segunda fase da minha vida, né? E na terceira foi o desencanto e o melhoramento, né?

P/1 - Mas ainda na segunda, isso é em São Luís? Ou era no Rio de Janeiro?

R - No Rio de Janeiro.

P/1 - Aí você foi para o Rio de Janeiro.

R - É. Que ali, no Maranhão, eu mudei duas vezes. No interior do Maranhão e na cidade de São Luís. Porque aí, nossa, ali foi muito louco, porque eu vi outras maldades no que acontece às pessoas que são criadas dentro de uma família teocrática, não sei como que fala.

P/1 - Aristocrata.

R - E tinha uma história de um menino que era um pouco parente da gente, que morava com uma outra irmã deles, dessa família aí e eles saíram

pra igreja... tem várias histórias a respeito desse povo aí. E essa é uma das que é chata, triste, mas é verdadeira. A pessoa comeu a banana que eles deixaram lá, um cacho e ele chegou da igreja e falou: “Vocês comeram a banana? Quem comeu?” “Foi...” “Então você, agora, vai comer uma caixa todinha aí”. O menino comeu e infelizmente morreu, né? E essa é uma coisa muito meio estranha, né? Meio que não é contado, não é... uma coisa, né? E tem uma, que as coisas ali, no Maranhão, são muito complexas, sabe? Ao mesmo tempo que são de extrema violência, extrema humilhação, mas tem uma coisa do místico, né, que é a questão que eu estava falando de... da igreja, desse rapaz que comeu as bananas e acabou falecendo.

P/1 – Nossa, você presenciou isso?

R – Eu soube. E ele era meu amigo. Era meio parente, assim.

P/1 – Nossa, e isso teve alguma ligação com você querer entrar na capoeira, você acha?

R – Eles tinham medo que eu entrasse na capoeira. E eu já queria.

P/1 – Como é que você ficou sabendo?

R – Não. Aí é a segunda fase.

P/1 – Mas a gente já está na segunda fase, né?

R – Não. Você perguntou, que eu estava contando uma história de como foi a escola, não foi isso?

P1 – É que, na verdade, é tipo a sua história de vida. Então, a gente vai caminhando.

R – Então, foi...

P1 – Pode contar como foi sua escola.

R – Não. A escola, tatata e a questão que você falou de uma história que te marcou.

P/1 – É.

R – Essa. Desse menino. E uma outra que me marcou, que minha mãe contou, quando ele era jovem, que aconteceu, ela tinha que preparar o café antes de todo mundo ir... ela, minha tia e minha outra tia... tinham que preparar o café das pessoas, dos donos, antes deles acordarem e elas tinham que ir todo dia pra igreja. E nesse dia elas perderam a hora e foram muito cedo. Chegou lá, a igreja estava aberta e elas entraram e viram um bando de gente. Um bando de gente aqui nessa hora? Ainda nem clareou. Aí diz que elas sentiram um arrepio e recuaram e, quando elas viram, que elas deram as costas, a porta da igreja estava fechada de novo. Isso é dentro de São Luís, né? São coisas que acontecem. Ao mesmo tempo uma coisa muito trágica, parece uma coisa de estudo, pra gente estudar sobre as encantarias, esses fenômenos aí que a gente não consegue... e a segunda fase é assim..

P/1 – Calma aí. Antes de mudar de fase, vamos pegar essas histórias de encantarias que pouca gente tem. Tem mais alguma conexão com os encantados que você lembra dessa infância, de visagem?

R – Então, isso, na primeira fase, (risos) é muito louco porque eu fiquei até os 12 anos lá, né? Aí eu voltei para o Rio. E vi o senhor Antenor Corcunda. (risos) E eles me colocavam pra dormir num lugar – a casa era grande – lá nos fundos. Não sei. Era castigo, né, comigo. E minha mãe falou assim: “Olha, você, pra parar de ter medo, vai ter que beijar o pé do corcunda” “Caraca, mãe, mas como beijar o pé do corcunda, do seu Antenor Corcunda?” (risos) Aí, seu Antenor Corcunda lá e, quando eu voltei de novo, porque eu voltei com 17 anos, antes de eu ficar de vez no Rio de Janeiro, porque eu estava aprontando muito no Rio. Eles não quiseram mais eu lá no Rio. Aí me botaram para o Maranhão. Aí o seu Antenor Corcunda morreu. (risos) E eu estava lá no dia. E ele não tinha parente. Eu tive que mudar a roupa pra ser enterrado. E aí eu aproveitei e beijei o pé do corcunda. (risos) Aí eu comecei, porque o medo meu era tudo que eu tinha passado de ser abusado e de ser rechaçado, de ser tudo humilhação, tudo. Não tinha mais medo, assim. Mas ao mesmo tempo eu já não tinha, mesmo. Porque eu era uma pessoa muito forte. Desde pequeno. Mas um forte comedido. E é essa a história dessa fase, dessa transição da primeira pra segunda fase da minha vida.

P/1 - Então introduz essa segunda fase aí.

R – Essa segunda fase é muito louca, cara porque nós saímos do Rio de Janeiro, eles compraram uma Rural Willys novíssima e nós fomos, todos, né, com o João Francisco Muniz e a Laís da Silva Muniz.

P/1 – Quem?

R – Os donos, os proprietários aí. Aí fomos de Rural. Foi um parente deles, o Emílio, dirigindo e foi minha mãe, eu e minha irmã e o casal de velhos, senhores e demoramos sete dias de São Luís até o Rio de Janeiro, com uma Rural. Não tinha asfalto e uma das coisas, tem uma coisa muito louca, que é a arqueologia, pra mim. Eu comecei o meu interesse por arqueologia quando, lá em São José do Ribamar, eles colocavam lixo nos vulcões, que eles chamam. Cuvão é o lugar onde se coloca o lixo. Que antes não tinha coleta de lixo. Você colocava num buraco, numa ribanceira. E esse lugar eu comecei a garimpar porque eu me sentia sozinho, eu não conseguia falar coisas que eu tinha passado, então eu ficava dentro de mim e sozinho começava a cavar, aí achei um réis, aí comecei a me interessar por moedas e por arqueologia, fazer coleção de moeda e, nessa viagem, claro, começou a vir as pedras que tinha pro lado de Minas Gerais, que você via o cristal na rodovia, na beira, que não tinha asfalto nessa época. E eu comecei a me interessar por pedras e foi aí que começou tudo, esse arquétipo com as pedras e com a encantaria. Aí que eu comecei a ver a força desses seres, né, e a arqueologia, pra mim, que é... nisso chego no Rio de Janeiro, com uns 12 anos. Fui morar na Rua Voluntários da Pátria, 46, apartamento 202 (risos) Muito engraçado isso, né? Porque não tinha lixeira, o lixo era queimado, você jogava... apartamentos que já tinham elevador, mas o sistema de lixo era queimar o lixo. Muito louco isso, né? E vi um mundo novo, né? Vi praias com ondas, vi museu, começando a ver museu, aviões, né? Porque teve uma parte que foi assim... ah, minto, gente, a primeira vez que eu fui para o Rio, com 12 anos, eu fui de avião, mas teve uma que eu voltei de Rural Willys. A primeira fase eu vim de avião, da Pan Air do Brasil, com 12 anos. Eu, minha irmã e minha mãe. E nós voltamos de novo para o Maranhão com uma Rural Willys, né? Aí eu já estava com 16 anos, né? Voltando para o Maranhão. Depois nós voltamos de novo porque eles vinham. Era muito louco, gente. Porque o povo, como tinha muito dinheiro, eles iam e voltavam com a gente, porque a gente os servia. A gente tinha que estar com eles. Então, várias vezes eu fui e voltei. Mas definitivamente, entre 12 eu fui, até chegar aos 17, que eu fui a última vez para o Maranhão. Aí eu voltei de vez para o Rio de Janeiro, com 18 eu fiquei pra sempre e desisti do Maranhão.

P/1 – E me conta como você chegou à capoeira?

R – Então, essa fase a partir dos 18 anos, que os velhos morreram. A gente ficou um pouco na casa deles, até resolver pra onde... eu não queria mais voltar para o Maranhão. Nem eu, nem minha irmã. A gente precisava ir. Eles tinham vendido a casa, a gente precisava... eu não queria mais viver com eles, com nenhum deles. A velha estava viva, o velho morreu. Tanto que minha mãe não conseguia ficar longe deles, é incrível. E ela voltou com ela pra lá, até. E nós ficamos. Aí, depois, quando a velha morreu, eu fui lá, peguei minha mãe e voltei de novo para o Rio de Janeiro, pra ela ficar com a gente. Aí eu já estava estabilizado no Rio, né? A gente começou a se estabilizar, eu fiz curso – a velha ainda estava viva – no

Senai, aí começou a minha vida profissional dentro da Mecânica. Aí comecei a namorar, casei...

P/1 – Com quem você começou a namorar?

R – Com a mãe do meu filho, a Joana D’Arc. E a gente estudava em uma escola, nos conhecemos, casamos, ficamos juntos um tempo, teve o filho e essa foi uma outra fase, que aí a capoeira entra. Quando eu tinha uns 19 anos, eu estudava em uma escola, André Maurois, do Rio de Janeiro, que foi invadida pelos militares e era recente, era o AI5, né? Era 75, né? 76. E ainda tinha um resquício de revolta, né? E essa escola era libertária, a gente conversava com o diretor, o diretor com uma garrafa de pinga debaixo da mesa. (risos) Os alunos tinham o lugar do fumódromo. E era muito aberto. E tinha um rapaz, que era o Neco e o Luiz Antônio e o Wilson. Aí o Neco falou: “Vamos treinar, tem um cara aí capoeira Angola, mestre Moraes” “Vamos, eu quero treinar”. Eu, já no Maranhão, eu tinha uns 17 anos, na penúltima vez que eu fui, porque eles não me aguentaram no Rio de Janeiro, me mandaram para o Maranhão. Aí eu fiquei um ano lá, não aguentei, fugi da casa da mulher, até que eu voltei de novo para o Rio e eu queria treinar com o mestre Sapo, lá do Maranhão e ele era baiano e foi para o Rio de Janeiro, era aluno, se não me engano, do... ai, meu Deus do céu! Eu não me lembro o nome do mestre. Valdemar. Não. Eu não me lembro do mestre Sapo, que era do Rio de Janeiro. Ele foi pra fazer uma apresentação lá e acabou ficando por lá e ele dava aula no Neuza dos Santos e eu vi. E eu fiquei com aquilo. Eles não quiseram que eu treinava, porque eles já tinham medo de alguma coisa, o que a capoeira fazia, eles não deixaram e eu ficava revoltado com isso e acabou que eu fugi de casa e fui para o Maranhão e lá eu já era livre, já tinha a minha vida, podia pagar, não tinha nenhum empecilho. Aí fui treinar com o mestre Moraes no Gurilândia e era uma época que a gente tinha que ter carteira pra poder praticar capoeira, porque se a gente fosse pego batendo nos outros era motivo de ir preso, né? Então tinha uma coisa meio que institucionalizada e a gente tinha a carteira, tinha cordel, né, porque aquilo tudo foi um jogo que o mestre fez, para poder colocar a capoeira Angola em evidência. Era uma época que a capoeira Angola estava desprestigiada e o meu mestre conseguiu coloca-la num patamar que hoje em dia é a capoeira Angola.

P/1 – O seu mestre é...

R - ... o mestre Moraes, é.

P/1 – Pode contar um pouco dele?

R – Sim. Ele é fuzileiro naval, né? Foi fuzileiro naval. E, na época, ele estava lá no Rio de Janeiro, aí foi aí que, depois de um tempo, ele trabalhou na segurança do Metrô. Isso foi um tempo que foi passando, né? Uns dez anos pra ele sair. Não sei muito esse processo do fuzileiro naval para o Metrô. Eu não o acompanhei nessa fase toda, assim, porque eu tinha que estudar, estava fazendo vestibular nessa época e não acompanhava muito a capoeira. Ia só de vez em quando, né? Mas eu estava sempre nas horas mais emblemáticas. No caso da missa do Pastinha, né, que eu participei dessa homenagem que nós fizemos para o mestre Pastinha. Sétimo Dia com a Glória Maria, que fez aquela reportagem.

P/1 – Você foi na missa do sétimo dia?

R – É. Estou eu jogando lá. Você já viu aquele vídeo lá que a Glória Maria está? Eu apareço jogando ali. Muita gente nunca tinha me visto jogar e falavam até que eu não participei disso. Depois desse vídeo falam: “Realmente estava lá”, né? E essas demandas que eu tenho na minha vida se refletem eu vindo pra cá com você, né, Poeta? (risos) Jonas. Tudo que nós passamos, essas forças que a gente tem, né, cara, que são vidas passadas, já passamos muito por aí. Isso é um reflexo do que nós fomos e estamos sendo, né? Então, essas forças, se a gente não se equalizar, não se alinhar, tem que estar muito firme no processo retilíneo, né, de justiça, mesmo, né, de sabedoria, a gente não consegue alinhar, né? Se tiver um lado meio bambeado, aí desconecta o outro. Então, é isso que aconteceu lá em casa. De você perder suas coisas, seus 450, depois perder carteira, eu ficar sem água. Você vê que isso aí tem aí no documentário aí que tem até a respeito da água, essa encantaria da água. Não é fácil. (risos)

P/1 – Voltando ainda ali pra sua segunda fase, como foi a sua primeira roda?

R – Ahhh, a primeira roda, cara, foi muito louco. Porque teve duas rodas... aliás, três rodas emblemáticas da minha vida.

P/1 – Conta.

R – Uma foi quando o mestre falou: “Nós vamos visitar uma academia”. Eu tinha pouco tempo de capoeira. “Vamos”. Chegou lá, eu era bom, parecia uma aranha andando, jogando capoeira, pegava, dava rasteira nos outros, porque a gente tinha que mostrar que a capoeira era eficiente no confronto. Era uma época que a gente tinha que provar isso. Porque eles acreditavam que os angoleiros eram muito fracos como luta e o Moraes colocou que era possível enfrentar, ser uma defesa pessoal, sim, com capoeira Angola. E isso levou a gente a rasteira. Aí eu fui tentar dar uma cabeçada pela minha experiência, o cara deu uma, pun, aqui na minha testa e eu consegui ver isso, que eu precisava treinar mais pra poder... mas eu era muito forte, então eu aguentava muita porrada. Eles chamavam até a gente de pneu, né, porque borracha você bate e ela não sente, né? (risos) E era assim. E a segunda roda foi a roda... agora não pode mais fazer a roda no Cristo Redentor, mas antes podia, né? A gente fez uma roda, a gente teve um evento de capoeira, que nós fomos, em Minas Gerais e depois veio fazer um evento no Rio. E a gente não conseguiu hotel para essas pessoas todas. Aí, como nós vamos... hotel pra esse pessoal todo? Ah, não, vamos fazer uma roda no Cristo Redentor. E fomos, uma porrada de capoeira. Chegou lá no pé do Cristo, um monte de gringo. Cara, nós pegamos um pacote de dinheiro (risos) e pegamos aquilo, dólar, tudo. Meu, saímos dali descendo o Cristo Redentor, onde o bondinho nem... porque tem um lugar lá que é rapidinho pra descer, pra chegar. Vai sair no Parque Lage. Aí nós descemos aquilo, fuuu, correndo, pagamos hotel, comida, todo mundo. Esse é o milagre da capoeira. Aquela, pra mim, foi uma das melhores rodas que eu já tive e a outra é a missa do Pastinha. Porque é uma resistência que ele era e a gente dando valor necessário pra ele, né?

P/1 – Você chegou a conhecer o Pastinha?

R – Não porque quando eles foram.. aquele que foi lá, o Braga, o Neco, os mestres que dizem se eu posso dar ou não, foram fazer um documentário, Uma Vida pela Capoeira. Eles fizeram, ajudaram esse documentário, né, e eu não participei dessa. Eles foram lá vê-lo e eu não participei. Eu estava estudando, fazendo vestibular, tudo. E aí eu não tive essa oportunidade. Aí, logo depois, um mês depois que eles fizeram esse documentário, um mês, três, não sei, um tempo, aí ele faleceu, né? É isso. E uma outra roda, que foi muito bom. Essa é uma outra roda. Era época de carnaval e tinha uma roda da Central do Brasil, uma roda de carnaval perigosíssima, o pessoal matava com espeto de churrasco, era meio sanguinária a roda.

P/1 – (risos) O pessoal matava?

R – Com espeto de churrasco, cara. Era perigoso, cara.

P/1 – Na roda?

R – Na roda de capoeira. Era muito perigoso. E a gente foi pra enfrentar isso, né? O Moraes falou: “Eu vou levar vocês, tenham cuidado, a estratégia é assim, assim, assim”. (risos) Aí chegou lá, nessa roda, era um mestre de capoeira, o Dentinho e que era amigo de todo mundo, aí todo mundo só brincou, não precisou morte nenhuma.

P/1 – Rolava mortes nas rodas?

R – Nessa roda de carnaval, porque carnaval é onde sai o bicho, né, meu filho? Onde saem as coisas ruins aí, ficam andando na rua. É o lugar quando o caranguejo sai andando. É essa época. Então, são fatos assim que levam a capoeira, você vai pensando que vai ter uma morte e chega lá, não. É tudo amigo. Só acontece com a capoeira, isso.

P/1 – E como é que é a coisa do contar história na capoeira?

R – Ah, é natural, cara. Parece que é normal.

P/1 – Você lembra, por exemplo, alguma história que o seu mestre te contou?

R – Deixa eu me lembrar... ah sim, é uma história que todo mundo, agora, sabe, né? O Pastinha foi convidado pra ser leão de chácara. Aí o cara falou: “O traga aqui. Ele é bom, mesmo? Então o traga aqui”, pra tomar conta da boate, alguma coisa assim “O traga aqui”. O delegado que dava o aval pra ele ser o leão de chácara. “Ah, é você, esse que traz problema aqui?” Aí fizeram uma emboscada pra ver se ele era capaz, mesmo, de tomar conta. Mas, na realidade, com o tempo, eu fiquei vendo que virou uma lenda. E tem até uma música, né, que o Moraes fez, que ele enfrenta esse... eu tenho que me lembrar da música agora. Até eu terminar, eu lembro dela. Ele fala que o lugar que eles lutaram nunca mais nasceu capim, né? E aquilo foi só um teste pra saber se... uma época é teste, uma época o cara era... mas, na história, era um valentão que tinha lá próximo da casa dele, que o Pastinha dominou. Ele, pequeno, conseguiu derrotar o tal, né? E isso repercutiu, porque o lugar onde o capoeira vivia, ele comandava aquele quarteirão ou dois quarteirões, um lugar assim. E ninguém podia fazer nada. Todo mundo tinha que pedir continência pra ele naquele lugar. E o Pastinha morava próximo e o Pastinha já tinha uma idade e esse valentão sempre aí, não sei o que, com o Pastinha, arrumou meio treta com o Pastinha e o Pastinha o dominou. Deu umas porradas nele. Aí o Pastinha ficou - mesmo sendo um pouco mais velho - ali essa história no inconsciente, né? Que gera até hoje. E o meu mestre contou essa história pra gente, né?

P/1 – Nossa!

R – E aí eu fui vendo depois alguns escritos de alguém, o que foi, porque quando vira lenda, são várias histórias, né? Quando a história vira lenda, é contada de acordo com cada um que conviveu, que teve aquela história, sabe? É muito louco isso.

P/1 – Com o que você trabalhava no Rio, quando você veio?

R – Ah, de mecânica. Muito louco isso. Eu fiz curso no Senai, de ajustagem. E trabalhava em uma firma que fazia tudo com cilindro de mergulho, dar passe em tambor de freio de carro. Como é que fala? Mecânica. Dar passe em bloco de motor. Mecânica aplicada, né? Graças a Deus eu tive essa capacidade. É minha profissão, mesmo, né? A energia do ferro é muito forte. É isso que eu vi no decorrer do tempo. Esse capitalismo desenfreado, com essa coisa do ferro, né? Da guerra. Tanto que, quando eu vi aqui pra São Paulo, eu trabalhei numa fábrica que fazia lança-chamas e lança-morteiro pra ir lá para o Iraque. Aquela guerra do Saddam Hussein, eu acho que foi a Segunda Guerra, eu trabalhava para uma subsidiária da Engesa e mandava lança-chamas e lança-morteiros e eu fazia essas peças na ferramentaria. A mecânica me levava à construção de uma tomada do Atari, na época do jogo do Atari. Desenvolvia na mecânica aqui, em São Paulo, que eu vim pra cá, com a profissão que eu tive no Rio de Janeiro. Aí vim pra cá, trabalhei nessas firmas, trabalhei em outras, com fundição, com mecânica fina, que é essa mecânica da eletricidade, que é de condutores e uma mecânica mais especializada, que é essa das armas, né? E mecânica do vácuo _____, que é uma mecânica simples, com moldes de pó de alumínio, com Araldite, que é o maior barato, uma coisa simples de fazer. E assim a mecânica, né? Minha profissão. E o artesanato. (risos) O artesanato é a minha segunda profissão, que eu venho essa conexão com o passado, que meu vô que fazia as canoas, que fazia a sua roupa. Então eu comecei a me questionar que eu também deveria fazer tudo com a mão, que nem eles faziam. E aí vem a coisa do artesanato, essa coisa da permacultura, que vem me colocando, né, na vida. Entoando aquele passado e passando pra cá, né? E é isso.

P/1 – E tem mais alguma história que você quer contar dessa segunda fase da sua vida?

R – Da segunda fase... bem cavernosa? (risos) Essa fase foi foda porque eu não sabia que eu era tão revoltado, porque eu fui abusado. Eu dava porrada nos outros, fazia pequenos roubos, (risos) tráfico e aquilo, depois de um tempo, eu fiquei vendo que aquilo era tudo porque eu tinha sido abusado. E aquilo tudo era revolta que eu tinha que colocar pra fora.

P/1 – Foi abuso sexual?

R – É. E eu tinha que colocar pra fora de uma maneira e, inconsciente, estava fazendo maldade para os outros, colocando a culpa na sociedade. E comecei a me tocar disso, porque eu não falava com ninguém, comecei a fazer autoanálise e, com a capoeira, me ajudou a me conectar a essas forças. De me entender melhor. O porquê eu estava revoltado, por que eu fazia aquelas coisas e ninguém sabia. Nenhum dos meus amigos sabia que eu fazia essas coisas todas, eu ficava que nem santinho e isso com o tempo, eu fui... tanto que agora, o mestre Braga veio a saber que eu fazia essas coisas todas e ele não sabia e eles mesmos me consertaram, através da vida, né? Autoconhecimento, né? Eu fui fazendo uma autoanálise e fui vendo que eu estava errado, que isso aí eu não precisava disso, né, de fazer certas coisas pra poder viver. Eu era autossuficiente, né, não precisava de nada de ninguém. E isso.

P/1 – Nossa! Você disse, por exemplo, que você estava roubando, até coisa com tráfico e aí a capoeira...

R – É, a capoeira me tira disso. E autoconhecimento, né?

P/1 – Mas como é que foi que ela te tirou disso? Você lembra do dia que você resolveu sair? Você nem contou como você entrou, mas...

R – Pelo processo da própria filosofia: não seja vaidoso. Que nem o Pastinha. Não seja vaidoso, nem despeitado. A capoeira vai falando com você. E isso tudo era despeita, né, que eu estava tendo. A despeita te leva a fazer coisas, que você se sente um lixo, né? Você tomar conta de uma criança, você com 15 anos, a criança toda bem vestida e você rasgada, onde você era obrigado a tomar conta dele. E aquilo era humilhação. Você não poder tomar banho na piscina, né? Aquilo tudo. Aí foi fazendo a terapia própria e a capoeira foi me amparando, com meus amigos, né? Fui aprendendo a ser negro, né? O porquê eu não tomava banho na piscina. (risos) Começou a fazer os links. E aí?

P/1 – E aí, você disse assim, essa coisa do aprender a ser negro, você disse mais socialmente ou no lado da cultura africana?

R – As duas coisas. Porque eu não tomava banho na piscina porque era negro, porque os outros que tomavam eram todos brancos. Aí eu comecei a me tocar. Várias: ir pela entrada de serviço nos elevadores do Rio de Janeiro. É. E aquilo tudo foi... e a capoeira... somos revoltados contra isso, contra aquilo, contra nererenerere e aí eu fui vendo, fui me auto descobrindo através da cultura, com as músicas, né? Se posicionar perante a sociedade, do que está acontecendo, né? O momento também não era fácil. Era regime militar, saindo o AI5, né? E eu vi isso aí em 69, 65, 69 no Rio de Janeiro, aquele estudante que morreu tinha várias escaramuças, os caras jogando água nas pessoas correndo, tudo e eu vi aquilo, né?

P/1 – O que mais você via?

R – Essa época, assim, quando chegou no Rio de Janeiro com 12 anos, 15 anos, isso aí. Via as polícias perseguindo as pessoas. Mas não tinha o Movimento Negro, né? Que aí, o movimento que tinha, mesmo, que eu fui ver depois, era o Black Music, que era James Brown. Aí começou a

consciência negra em mim. James Brown, eu falei: “Meu, mas eu não sou americano, cara. O que eles falam? Não sei”. Aí começou, apareceu a capoeira, é a mesma linguagem, né, de homens pretos.

P/1 – Você lembra quando você começou a contar história também?

R – Foi naturalmente. Eu acho que foi uma necessidade, mesmo, de falar dos meus acontecimentos e colocar pra fora, mesmo, todo o sofrimento meu, o sofrimento da minha família. Essa vontade de contar, mesmo, o que aconteceu lá, quando meu vô contava histórias na noite de lua. Essa foi a grande deixa, né, da contação de história, né, comigo. Tanto que depois, com o artesanato, eu conto a história pra vender, né, conto a história do serviço, as esculturas que eu faço, de capoeira, movimentos, móveis, né e a história, mesmo, da vida, as esculturas que eu faço contam a história. Estão todas por aí, né? Não guardei nenhuma. Fui dando, fui vendendo e cada momento da minha vida eu acho que tinha uma escultura lá. Tinha uma escultura nessa última fase, que é daqui de São Paulo, em uma puxada de canoa lá da Trindade, um cedro de uns cem anos, que eu fiz umas dez esculturas dessas e dei uma para o meu mestre, né, que está em Salvador agora. É um cedro. E eu ajudei a descer a canoa do morro. Foi muito louca essa puxada de canoa. E são pessoas, artesões que já não estão mais com a gente, né?

P/1 – Você tem um caso assim de família também, né? Se você puder contar aquela história lá que você contou, do seu filho. Que ele falou que era ateu. Aí você falou: “Lembra do vinho, da garrafa de vinho?”

R – (risos) Nossa, é fogo, cara. Esse moleque, o nome dele, meu filho, é o segundo filho meu, o Raoni Potiguara. A mãe dele é índia, descendente dos índios aqui das Missões. O pai dela nasceu ali, próximo da Missão. Eles tinham um bloco chamado Sepé Tiaraju, que foi um guerreiro lá das Missões. E era foda. Ele era caçador de guarani, cara. Muito cruel essas coisas. Isso fica no inconsciente popular, assim, como um herói e, na realidade, foi um anti-herói. Ele é herói hoje em dia, Sepé Tiaraju. Bom, eu fiz essa homenagem do nome potiguara, em homenagem a esse povo da família do lado de lá, dele. E eu fiz uma homenagem ao povo daqui do norte do Maranhão, que são os txuca, né? Pode ser que a gente tenha alguma linhagem txucarramãe. Meu pai. E o menino ficou muito forte, cara. Um homem muito forte. A minha irmã mora na Itália e falou pra ele passar um tempo lá. Ele foi passar três meses. E ele, puta, ficou emocionado. Foi na época das torres gêmeas lá, que aconteceu aquilo. Foi na época que eu estava tirando o passaporte dele e tudo, pra ele viajar pra lá. E aí fez o passaporte e tudo, vamos leva-lo pra viajar. A gente saltou ali no terminal Bresser, pra pegar o ônibus pra ir para o aeroporto de Cumbica, né? E aí a gente saltou no terminal e ia descendo pra pegar o ônibus. Na escada rolante a gente olhou de longe, ele olhou de longe e viu uma garrafa de vinho. Quando chegou perto, bem assim na escada rolante, que desceu a escada rolante, do lado da escada rolante ele olhou e eu também olhei e falei: “Tem um negócio ali”. E ele: “É um vinho”. Quando chegou lá, era um Exu. (risos) Uma estátua do Exu. Eu falei: “E você está indo... é você esse aqui, cara”, porque era uma coisa que ele queria tanto e ele é ateu, né? E ele ficou impressionado com aquilo. E foi viajar. Passou uns três meses lá e voltou. (risos)

P/1 – Aproveita que seu filho voou e a gente voa pra terceira fase, enfim, da sua vida.

R – Essa, mesmo. Essa terceira fase que é em 82, quando eu cheguei aqui em São Paulo, né, vim fugindo daquele Rio de Janeiro. Não fugindo. Saindo um pouco desse astral que é o Rio de Janeiro e a gente pensava, já, há muito tempo, eu e os capoeiras falávamos assim: “Meu, um dia vai ter uma guerra civil aqui e todo mundo vai ser tiroteio”. É o que está acontecendo agora. Eu já pensava nisso, falei: “Meu, cara, vamos embora daqui pra ter uma vida... eu quero me auto cuidar, eu ser o responsável. Não outra pessoa ser responsável por mim. No caso, uma companheira. Eu quero ser autossuficiente. Eu vou me embora daqui”. E fui sozinho, vim, fiquei na casa de uma pessoa morando no banheiro e aí não me dei bem com a companheira dele, acabei indo pra rua. Morando na rua. Ali na Jabaquara, perto do Zoológico. Ali vivi, fiquei um tempo na rua, comendo as comidas que tinha, porque ali tinha um entreposto de frutas e eu ficava... o tempo que era coco, era só coco que eu comia, outra era fruta. Aí tinha um senhor que trazia comida pra mim e eu dormia de quebrada ali no recinto de exposição da Água Funda, né? Eu dormia por ali, até que eu fui morar na casa de uma mãe de santo. E ontem você ouviu essa história, né, de uma mãe de santo e ela tinha problema mental, né? E, nossa, eu dormia com os cachorros dela, cara. Nossa, era cruel. Mas aquilo tudo era uma cura pra mim, né? E eu não arrumava emprego.

P/1 – Você foi morar com uma mãe de santo, com os cachorros?

R – É. Porque eu não queria mais morar na rua.

P/1 – Estava morando na rua?

R – Estava morando na rua.

P/1 – Conta isso aí, como você foi morar na rua?

R – Porque eu não me dei bem com o cara que eu vim morar na casa dele. A mulher chata, eu falei: “Meu, eu não quero perturbar ninguém, mano, vou sair fora”.

P/1 – E aí você foi pra rua?

R – Fui pra rua.

P/1 – Você ficou quantos dias?

R – Ah, fiquei um mês, dois meses. Numa dessas eu conheci o pai, que é parente daquele que estava lá, sem ser os meus dois filhos, lá em casa. Um dos amigos que me indicou: “Vai lá, que pode ser que ela...”. Eu fui lá e ela: “Não, fica aqui, tem um quarto aí, dos cachorros”. Eu falei: “Eu fico aí”. E fiquei tomando conta dela porque de noite ela acordava, baixava o santo, cara, nossa, era cruel, uma casa que não tinha luz, cara. A pessoa tinha uma puta potência, mas estava descontraída, fez coisa que não deveria ter feito, eu acho. E eu fiquei como ogã dela. A ajudando a fazer os trabalhos. E um dia ela falou: “Você vai limpar o corró onde tinha as oferendas, com a mão e, a partir disso, você vai mudar”. E eu fiz isso. Limpei aquela sujeira toda. Meu, não deu um mês, arrumei a minha profissão, arrumei uma casa. Impressionante! Mas, depois de um tempo, aí teve problema com fumo, né? Porque uma pessoa, era época da polícia preta e vermelha aqui, eu estava fumando em casa, alguém da vila onde que eu morava falou que eu estava fumando e foi a polícia e me levou em cana. Passei uma semana, os caras falaram: “Você é comunista”, porque eu tinha o livro do Karl Marx. Karl Marx é propriedade privada do Estado, aí a polícia me levou para o Deic. Porra, só por causa de um fumo. Eu fiquei uma semana lá no Deic. Aí chegou, perdi o emprego (risos) que eu tinha conquistado e, antes de dar baixa na carteira, eu aluguei um apartamento e fui trabalhar de artesanato de novo e fui passear em Paraty e vender artesanato. Aí, quando eu relaxei, foi aí que eu conheci a mãe do Raoni e ela ficou grávida, aí voltei de novo a trabalhar com... aí já era uma fase que o sindicato começava a fazer greve e tinha bastante emprego. Aí comecei a me colocar na mecânica de novo, aí parei um pouco de artesanato. Sempre essa minha vida: vai e volta artesanato, vai e volta artesanato. Sempre com arte. E trabalho.

P/1 – Me conta um pouco dessas viagens que você deve ter convivido um pouco aí do Brasil, né? Andando.

R – Do Brasil, não. Mais aqui o sudeste, né? Paraty, Bertioga. Sul, um pouco. Rio de Janeiro. Aquelas feiras de ciências, né? Foi aí que eu encontrei o Léo. Aquele que canta violão, amigo de vocês, Léo Carvalho, né?

P/1 – O Leal.

R – O Leal eu conheci no Rio de Janeiro, quando eu tinha uns 18 anos. E aí, depois, nós fomos se ver em um encontro SBTC, Encontro Brasileiro da Ciência. Eu fui várias, no Brasil todo e aí tinha a Tenda da Paz. Aí eu o reencontrei. Parece que o Júlio estava nesse. Foi o primeiro contato com vocês. O Encontro Brasileiro da Ciência. Então eu viajei muito com esse Encontro da Ciência, outros em Paraty, no sul, né?

P/1 – E como foi que você virou professor de capoeira?

R – Foi natural, porque quando eu vim pra cá não tinha lugar pra treinar e aí, de um determinado momento, eu achei uma pessoa, o mestre Santana, que conheceu meu mestre, aí eu escutei um berimbau ali no Embu. Como eu gosto de artesanato e fui visitar essa feira do Embu, hoje em dia eu moro próximo dela, quando eu escutei o berimbau, não tinha costume de escutar berimbau bom assim, aí eu fui chegando perto e era ele, uma pessoa que eu tinha conhecido no Rio de Janeiro há 15, 20 anos, naquela época, em 82. Nos encontramos e ele falou: “Vai treinar comigo, lá” “Tá”. Não estava treinando, fui treinar com ele, treinamos um tempo e eu já tinha quebrado um pouco desse vínculo de cordel e ele ainda tinha esse negócio de cordel, porque ele era ligado à Federação e a capoeira dele é diferente, né? Não é que nem a do Moraes. Que ele era um dos capitães de areia do Jorge Amado, esse senhor aí.

P/1 – Como assim?

R – Ele faz parte. O Jorge Amado escreveu esse livro, eles eram os protagonistas. Ele só descreveu essas crianças que estavam ali. E que é esse macaco preto.

P/1 – No caso, esse foi, literalmente, uma inspiração do Jorge Amado?

R – É. Ele, o Almir das Areias, que agora ele é Anand das Areias e que é o que fez, o que ajudou aquele da Escola da Anarquia. Como é o nome dele? O que fez a Escola da Anarquia. Como é o nome?

P/1 – Não sei.

R – Ô, meu Deus, vocês não lembram, não? Um professor da anarquia.

P/1 – Não sei.

R – Nossa, velho, perai. Da Escola da Anarquia.

P/1 – Não, mas volta ali pra história.

R – Ele era capitães de areia, junto com esse Almir das Areias e que esse cara que, hoje em dia, ganha vários prêmios, ele já morreu, que é da anarquia.

P/1 – Pode crer.

R – Ele convidou esse Almir das Areias. Por isso que tem capitães de areia. Almir das Areias. E o macaco preto. Foi inspiração das crianças. E ele me convidou pra treinar e ele me deu o cordão azul. Eu não queria receber, porque a gente já tinha quebrado um pouco com esse negócio e o cordão azul podia dar aula. Eu fiquei um tempo com ele lá e saí, aí eu voltei ao Rio pra encontrar meus amigos e perguntei: “Braga, eu posso dar aula?” “Pode”. Aí comecei a dar aula. Aí eu dei aula aqui na PUC, né? O _____ de Letras, né? Não me lembro que é 87 eu dei aula no _____ de Letras. E é isso.

P/1 – Nessa terceira fase, o que mais que foi bem importante, assim, na sua história de vida? Pra gente fechar, a última história.

R – É essa agora, que vai dar esse atual, que é a questão do terreno, lá. A gente comprou esse terreno, eu estava trabalhando em uma multinacional, a Weber Carburadores, eu era prototipista. Os carburadores, antes, eram todos... como é que fala?... de fricção. E aí tem o carburador de injeção, né? É o moderno, né? Computadorizado. E eu trabalho no protótipo e é uma equipe que desenvolve as primeiras peças pra introdução no mercado, né? E eu participei. Weber Carburadores. Esse primeiro carburador de injeção do Brasil foi feito com a gente. A gente fez uma pré-produção, né, pra poder lançar no mercado. A Quatro Rodas, eu fiz uma peça.

P/1 – Eu ia perguntar qual o seu sonho, hoje?

R – Ah tá. Aí eu trabalhei nessa multinacional e a gente sempre com essa coisa de trabalhar junto. A gente tinha uma turma de amigos, artesão da feira, inclusive teve um que treinou no macaco comigo. E ele é artesão. E a gente sempre, as famílias... e a nossa ideologia era essa que vocês têm, de ter um lugar grande e trabalhar junto. A gente tinha essa intenção. E ele comprou uma chácara em frente a mim. Eles eram descendentes de alenães. Ele falou: “Geraldão, tem uma chácara do jeito que você quer, vamos fazer a comunidade lá. Tem um dinheiro?” Eu falei: “Não tenho”. Aí, um belo dia, eu estava com problema, já tinha me separado da mãe do Raoni, estava me separando e falei: “Meu, eu vou morar pra lá”. E aí fui mandado embora da firma. Eu peguei o dinheiro, um carro e dei entrada na chácara. Aí fui morar logo lá. Aí começou a luta lá de posse, de você ficar morando lá, outra gente, não queira saber. Aí começou a ver que aquele lugar que eu moro hoje em dia é muito mágico e quem não tiver uma postura afinada, não vive, cara. Não consegue viver ali. Tem que estar afinado. Várias demandas ali do pessoal querer tomar a terra de mim, fazer fofoca, dizer que eu roubei, aí depois vir me matar e não conseguir e as pessoas que tentaram, morreram. Uma árvore caiu em cima de dois lá e morreu, cara.

P/1 – O pessoal quer tentar te matar, cara?

R – Já, várias vezes, cara.

P/1 – E aí caiu a árvore?

R – Caiu a árvore em cima deles. E o que fez a fofoca caiu do andaime. Ficou na cadeira de rodas, cara. Não, histórias, ali, cara... (risos) E aí a coisa está andando e hoje em dia a gente está lá, tomando conta desse lugar. Agora está melhor, porque agora está o final da história. (risos) Mas continua, porque agora é o final de você se instalar no terreno. Agora você sabe que aquilo ali é seu. Que você conseguiu. Agora é de você montar o que você quer, que é o meu idealismo, né, de montar um museu de inseto, porque eu gosto das abelhas, tenho uma coisa com inseto. Um borboletário. Uma casa de farinha. Aquaponia. Uma creche. Uma igreja católica com uma macumba atrás. (risos) E essa coisa, o terreno e pessoas pra morar lá. Umas cinco casas dá ali. E a gente tocar aquele lugar lá. É isso. Eu sei pra onde eu quero ir, né? Eu sei de onde eu vim, né? Quando você sabe e tem a justiça do seu lado, né, cara, tudo corre certo. E aquele lugar é tão mágico, que passa turmalina. Embaixo do terreno tem uma jazida de turmalina negra. E ali eu e meu filho... é muita magia naquele lugar. Tanto os bichos, parece que os bichos escutam a gente. Tem várias histórias de bichos fantásticas. Que eles se personificam. Que eles aparecem em horas determinadas. Pra dar um recado, né? Alguns bichos aparecem.

P/1 – Você podia dar só um exemplo? A gente está fechando.

R – (risos) Eu estava em casa trabalhando e os moleques lá, que eu dou aula, malucos, 16 anos, fumam e foram lá pra casa. Aí começaram a fumar, eu falei: “Oh, meu, eu estou trabalhando, cara. Não posso. Eu tenho que trabalhar. Vocês querem só ficar aqui conversando, bababa, eu quero trabalhar” “Tá bom, tá bom, então toca um tambor aí a última vez, que nós vamos embora”. Aí eu peguei o tambor que eu fiz de... eles te chamaram de quê? Eles te deram o nome de uma árvore. Sumaúma, né?

P/1 – É.

R – Mas não é sumáuima, é aquela outra que a preguiça gosta de comer.

P/1 – Não lembro.

R – Ela é oca dentro. Ela é mágica também. Sumáuima é aquela que tem a raiz grande, né? Dessa árvore eu fiz um tambor. Que é oco, né? Um djembezinho assim. E truf, e cantei uma música. Aí saiu uma aranha armadeira. Saiu aqui e começou a subir aqui assim e subi na minha cabeça. (risos) E eles estavam assim, que nem vocês estão aí, aí eu fiz assim: (risos) joguei a aranha no pé deles e eles saíram correndo. (risos) E eu viro a lenda, com várias coisas assim bem sutis. Eu vou virando lenda ali. Eu sou o lobisomem, o homem do mato, o índio. Esses arquétipos eu fui pegando, as pessoas foram... e às vezes tem uns que têm até medo de ir lá em casa, fala que é assombrado. Tem uns que têm medo, medo mesmo. Aparecer cobra do nada. A pessoa... eu falei: “Eu não falei pra você entrar? Olha aí, olha”. (risos) E eu escondido, vendo o cara entrar. Isso tudo, agora, está tendo uma outra fase. Porque cresceu tanto, que eles estão conseguindo penetrar. Uns ainda não conhecem essa força. E eles estão tentando penetrar. E eles vão. Dava até mais histórias rolando. Está rolando. Isso é direto. E a gente está cada vez mais se estabilizando. Agora a gente está querendo parcerias, né, que a gente está fazendo com outras pessoas, pra poder a gente fazer o que tem que fazer ali na terra, que eu sei o que eu tenho que fazer, né? E é isso.

P/1 – Maravilha! Como foi pra você contar a sua história aqui, hoje?

R – É interessante porque eu sempre faço isso, onde eu estou. Teve uma época aqui em São Paulo que eu vendia artesanato e fazia instrumentos. Fazia harpa, berimbau, bongô, djembe, kalimba, esses instrumentos todos. E vendia. Eu fiz um anjo que, quando você coloca, ele agradece e esse anjo, quando eu estava com esse povo lá na primeira história, eles mandavam eu entregar as coisas e às vezes eu me sentia muito triste, cara e ia pra uma igreja que tem lá e tinha um santo que eu ficava vendo as pessoas colocarem a moeda e agradecendo e eu falei: “Mano, eu vou fazer um santo e vou contar história. Vão colocar moeda e eu conto uma história que eles dão o tema e eu faço a história”. Nossa, gente, meu Deus do céu, cada pessoa que punha, uns choravam as histórias que eu contava, outros ficavam com medo, outros repudiavam, tinha criança que chorou, o pai voltou de novo pra ele pedir desculpa por ter chorado com a história. Muito louco, cara. Várias. Essa minha com esse anjo foi muito engraçada, essa questão da história com o artesanato e com esse boneco que eu fiz, né?

P/1 – E você o levou pra onde, que você fez essas histórias com esse boneco?

R – Não. Está lá em casa. Você não viu?

P/1 – Não vi.

R – Estava em cima do piano.

P/1 – Nossa! Aí, só pra fechar, mesmo, agora, Geraldo, agradecer muito o seu tempo, ia pedir, porque todo contador de história que veio contou uma história não da sua vida, uma história mesmo, de onça, de macaco. Aí ia falar se você pudesse contar uma história de onça, você sabe alguma?

R – Ah, tem uma engraçada, porque é a história do tempo que as pessoas falavam com bicho, né? É engraçado: água de novo. Um lugar de água pra beber. E a onça sabia que todo bicho ia beber água e ficava esperando o macaco querendo ir lá beber água. “Não sai, essa comadre onça não sai, não sai, não sai, não sai, o que eu vou fazer pra beber água?” Foi na Dona Abelha, pediu um pouco de mel, se lambuzou toda de mel. Aí foi na árvore, se rolou nas folhas e ficou todo folha. Aí chegou na onça: “Ô, comadre” “Ô, compadre. Quem é tu?” “Sou o bicho folhara!”. A onça não gosta de folha, né? Ele foi entrando na lagoa. Entrou, começou a beber a água, bebeu a água, quando ele entrou mesmo, começou a sair as folhas. Na hora que ela viu que as folhas estavam caindo, ela foi armar o bote e ele ó, paff. Depois de um tempo que eu fui vendo isso. Isso é um conto africano com índio, né, porque a folha é de Nanã, que é da mata, né? É a que tem só um pé. Tem um problema. E ela é da folha. E essa resiliência toda se faz entrar em lugares perigosos e sair sem ser visto, né? Isso que me ajudou muito, né, na minha vida, né? De entendimento de como você entrar em lugares perigosos. E sair sem ninguém te incomodar e te atacar.

P/1 – Tem alguma de macaco?

R – Tem aquela de sacana, né, cara. (risos) Que você quer, né, tranqueira? Essa aí eu já tinha contado pra você. Tem uma coisa que fala assim, que é engraçado, tem várias brincadeiras que vai no arquétipo. Tem a brincadeira do goro goro. Se lembra disso, do goro goro? Goro goro cinco, goro goro três. Que você começa a comer laranja, descasca a laranja - é incrível isso! - e faz aquele... e você joga. Depois eu fiquei sabendo que você cortando aquilo, você está matando uma bruxa. É pra matar bruxa. (risos) Você descasca a laranja e tchuf, ela seca, seca a bruxa também, cara. É muito louco isso. Umas coisas que eu não entendo um pouco, ouço falar, mas eu não entendo. O goro goro é essa história. É quando você começa a fazer adivinhação. Você chupa a laranja, aí eu pego a semente, aí você me pergunta, você vai falar: “Goro goro três, quanto eu tenho na boca?”, pra descobrir quantas sementes eu tenho na boca. É o princípio da adivinhação. “Gorar o ovo”. É uma encantaria. Você começa a percepção de adivinhação. De você saber do seu antepassado. E tem a da vó e da palavra, que a pessoa fala o nome, né? Fala seu nome aí.

P/1 – Samaúima. Jonas Samaúima.

R – Não. Jonas.

P/1 – Jonas.

R – Jonas onas catibiribonas samarraconas firfirifonas. É o começo das línguas perdidas. É uma introdução pra você aprender.

P/1 – Quem te passou esses conhecimentos?

R – Minha avó.

P/1 – Você ia contar uma história do macaco.

R – Ah, do macaco.

P/1 – Pra gente fechar, só.

R – Porque lá é costume do pessoal ter macaco em casa, amarrado. E tinha uns que eram soltos e ele mora na cunheira da casa. E ele falava com gente. Os bichos falavam com gente. Aí o macaco lá: “Ô, minha avó”. A velhinha, coitada, não enxergava direito. “Ô, minha avó” “Ô, meu neto, vai lá comprar manteiga”. Aí deu a latinha pra ele, aquelas latinhas de manteiga, porque não tinha, você não ia comprar que nem supermercado, que ele já te dava. Você tinha que levar a vasilha pra pegar a mercadoria. É isso que o povo está precisando aprender: não ter embalagem. A maioria das embalagens é poluição. Você levar sua embalagem e pegar o seu produto. Era isso que era antigamente. Bom, ela deu a embalagem, ele foi lá comprar a manteiga. E vai pela rua zoando com todo mundo a tranqueira aeaeiii, chegou lá: “Ô, moça, me dá aí a manteiga oooo”. Botou a manteiga, ele fechou e foi embora e andando na rua eeeeiie e comendo a manteiga. Quando chegou, quando viu, ele comeu a manteiga toda e falou: “Puts e agora, eu vou levar o que pra ela fazer o bolo?” Aí deu uma caganeira, ele buuu, cagou dentro da lata e deu pra velha. Nossa, a

velha fez o bolo, cara, com a bosta do macaco. Aí a velha falou: “Eu vou catar. Vem cá”. Ela botou lá o bolo, começou a fêder no forno. (risos) Aí: “Vou pegar você” e ele fiiuuuuu, subiu pra cumieira da casa. A velha não podia, coitada. “Vem cá, eu vou te pegar”. E ele gritava de lá: “Tang stantang minha vó comeu manteiga do meu...”. Eles contavam pra gente e não podiam estar falando cu. (risos) Eles falavam: “Tang stantang, minha vó comeu manteiga do meu...”. Eles não falavam. Os antigos não falavam isso. Só entoava. Era muito louco. Ela: “Eu te pego”. E ela pegou e fez um boneco de piche e botou um monte de banana e o macaco foi lá: “Ei, quanto que é essa banana?” O boneco não fala. “Se você não falar, eu vou te dar uma porrada, filha da puta”. Aí ele foi lá: “Vou te dar uma porrada”. Pá. Grudou. “Me solta, me solta”. E deu outra. E deu um chute e ficou grudado e avó pegou e ohhhhhhhhhh, pá pá pá pá pá. Deu uma lição no macaco. Essas histórias simples assim minha vó contava pra gente. Essa é daquele tempo, mesmo, do meu vô.

P/1 – Entrou?

R – Ahhhhhhhhhh, e tinha essa, quando entrou pelo bico do pato, né, saiu pelo cu do pinto, quem quiser que conte cinco.